

Análise do perfil de ouvintes e dos módulos mais populares do curso online “feminismos: algumas verdades inconvenientes”

Analysis of the spectators' profile and of the most popular modules of the online course “Feminisms: some inconvenient truths”

Análisis del perfil de los oyentes y los módulos más populares del curso en línea “Feminismos: algunas verdades incómodas”



Carolina Brito

- Doutora, mestra e bacharel em Física pelo Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- Professora associada do Instituto de Física da UFRGS.
- E-mail: carolina.brito@ufrgs.br



Gabriela Trindade Perry

- Doutora em Informática de Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- Mestra em Engenharia da Produção pela UFRGS.
- Bacharel em Design pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra).
- Vice-coordenadora da Pós-Graduação em Informática na Educação (PGIE) da UFRGS.
- E-mail: gabriela.perry@ufrgs.br



Marlise Bock Santos

- Doutora em Informática da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
- Especialização em Informática da Educação pela PUCRS.
- Graduação em Pedagogia pela UFRGS.
- Coordenação do Núcleo de Produção Multimídia para a Educação (NAPEAD) da Secretaria de Educação a Distância (SEAD) da UFRGS.
- E-mail: marlise.santos@sead.ufrgs.br



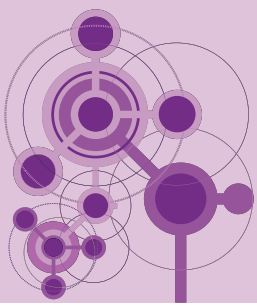
Carolina Nodari

- Especialização em Gestão Estratégica nas Organizações Públicas pela Faculdade Projeção.
- Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
- Assistente em Ciência e Tecnologia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).
- Brasília, DF, Brasil.
- E-mail: carolina.nodari@capes.gov.br



Marcia C. Barbosa

- Doutora, mestra e bacharel em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- Docente no Instituto de Física da UFRGS.
- E-mail: marcia.barbosa@ufrgs.br



Resumo

Neste artigo, analisamos o impacto do curso “Feminismos: algumas verdades inconvenientes”, apresentado como videoaulas na plataforma Lúmina e em formato de podcast. O alcance do curso é avaliado através de métricas quantitativas do número de acessos e dos perfis de estudantes do curso. Com base nestes dados, analisamos se o público se interessa mais por temas mais transversais do feminismo ou se assiste igualmente às aulas sobre tópicos que atingem grupos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: FEMINISMO • GÊNERO • CIÊNCIA.

Abstract

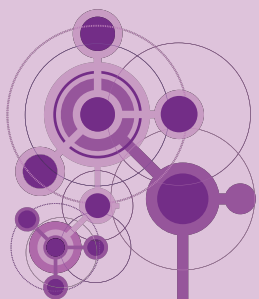
In this article, we analyze the impact of the course “Feminisms: some inconvenient truths,” presented as video classes in the Lúmina platform and in podcast format. The reach of the course is evaluated by quantitative metrics of the number of accesses and of the profile of the course students. Based on this data, we analyzed if the public is more interested in cross-sectional feminism themes or if they watch equally to the classes about topics reaching specific groups.

KEYWORDS: FEMINISM • GENDER • SCIENCE.

Resumen

En este artículo analizamos el impacto del curso “Feminismos: algunas verdades incómodas”, presentado mediante videoclases en la plataforma Lúmina y en formato podcast. El alcance del curso se evalúa por métricas cuantitativas del número de accesos y de perfiles de los estudiantes en el curso. Con estos datos examinamos si el público está más interesado por temas más transversales del feminismo o por temas que llegan a grupos específicos.

PALABRAS CLAVE: FEMINISMO • GÉNERO • CIENCIA.



INTRODUÇÃO

A pesar de diversos estudos reconhecerem o papel de um ambiente diverso no avanço do conhecimento, na excelência da ciência e no aumento dos lucros das empresas (Dezsó; Ross, 2012; Guterl, 2014; Hunt; Layton; Prince, 2015), observa-se que a evolução na busca de espaços mais diversos é lenta. As mulheres são minoria em cargos de liderança em todas as carreiras e em todos os países que temos essa medida (Arêas *et al.*, 2022; Elsevier, 2020; European Commission, 2000; Ferrari *et al.*, 2018).

A diversidade étnico-racial é uma questão ainda mais dramática, evidenciada pelos dados que apontam um racismo estrutural (Ipea; FBSP, 2019). O Brasil é um dos países mais violentos do mundo com a população trans (Antra, 2018). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), as mulheres ainda ocupam o dobro do seu tempo com o cuidado da casa e da família comparadas aos homens, além de terem salários mais baixos quando possuem uma ocupação remunerada (Indicadores..., [2018]). Dados sobre o aborto legal indicam que mulheres têm seus direitos sexuais violados inclusive pelo Estado, que deveria protegê-las (Giugliani *et al.*, 2021). O Brasil é um dos países mais desiguais em termos de equidade das mulheres na política (Tavares, 2022). Apesar das particularidades existentes em cada um dos fatos citados, eles são elementos de uma mesma realidade que se interseccionam e têm como consequência várias pautas em comum.

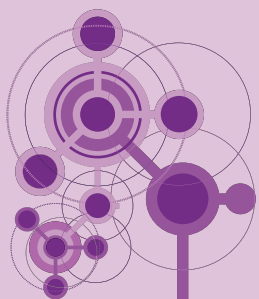
Quais são os problemas e as reivindicações de cada grupo? O que os dados estatísticos nos ensinam? Em que aspectos as lutas das mulheres brancas são diferentes das lutas das mulheres negras? Em quais aspectos se assemelham? Como essas questões se intensificam quando a vulnerabilidade social é levada em conta? Quais são os mecanismos de exclusão das diferentes mulheres? Quais ações podem ser feitas para avançar neste cenário de exclusões? Os feminismos são visões de mundo e o objetivo principal do curso “Feminismos: algumas verdades inconvenientes” é produzir um material que contenha a pluralidade destas visões e, ao mesmo tempo, trazer um olhar de unidade por serem estes os grupos que sofrem exclusão na vida pública.

O curso é composto por onze módulos, que obviamente não esgotam o tema. Uma preocupação da equipe que produziu o curso foi a escolha das professoras, para garantir excelência e uma visão dos temas abordados baseada em evidências. A estrutura física e humana do Núcleo de Apoio Pedagógico à Educação a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Napead-UFRGS) foi utilizada para elaborar e produzir o curso com grande qualidade técnica. A plataforma Lúmina da UFRGS foi utilizada para disponibilizá-lo de maneira gratuita e servirá como acervo para pesquisas futuras. Foi também produzido um episódio de podcast para cada módulo do curso, trazendo uma entrevista com as professoras e apresentando sucintamente sua temática.

Neste artigo analisamos de forma quantitativa o público que acessou o curso, procurando identificar se temáticas mais específicas atraem tanto quanto as mais gerais. Na metodologia, explicamos a análise quantitativa empregada para as videoaulas e para o podcast. Nos resultados, apresentamos o perfil dos estudantes que assistiram ao curso e/ou ouviram o podcast, bem como o número de visualizações de cada módulo. Discutimos também como este curso foi recebido comparado aos demais cursos disponíveis no Lúmina. Encerra este artigo com a discussão, conclusões e perspectivas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os feminismos apresentados são movimentos que ocorrem em paralelo e que evoluem ao longo do tempo, com a perspectiva de construir uma sociedade de equidade entre os indivíduos. Eles partem de um olhar de direitos humanos fundamentais, mas se ampliam para o direito humano pleno.



É possível identificar os primeiros passos dos feminismos com requisitos mínimos de direitos humanos como a educação, como reivindica Mary Wollstonecraft (2021) em sua obra publicada inicialmente em 1791. No entanto, o direito pelo qual as mulheres lutavam variava dependendo se eram mulheres da elite, como Mary Wollstonecraft, trabalhadoras com demandas por creches, como as revolucionárias russas, ou mulheres escravizadas/que herdaram as sequelas da escravidão ansiando por liberdade, como Sojourner Truth. Em uma convenção feminista, ela expressa o distanciamento entre o discurso das elites e o dela quando clama "E eu não sou mulher?" (Truth, 2020, p.17).

A transição de uma luta por direitos fundamentais para uma conceitualização estrutural do problema pode ser identificada n' *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1970), que critica a visão difundida na época da mulher como o *Outro*, numa visão androcêntrica centrada no homem como ser protagonista. Ela denuncia a opressão do projeto de Rousseau, que pensa na mulher formada para a passividade.

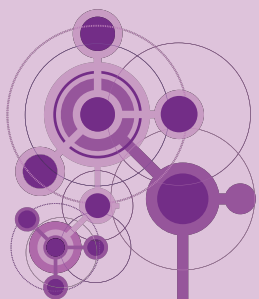
A tese central de Beauvoir (1970) é que existe uma ideologia que não somente naturaliza a dominação da mulher, mas que a impõe como um elemento social de eficiência. O processo identificado pela autora se estrutura em uma ideologia central, em que o androcentrismo é um instrumento que naturaliza a dominação como algo necessário e fundamental para a eficiência e funcionalidade da sociedade. A ideologia do androcentrismo, para se consolidar e se manter sustentável, faz uso de instrumentos sociais de longo prazo, como a violência física e simbólica, que resulta na imposição sutil de sistemas dotados de sentido. Bourdieu (2012) identifica estes instrumentos de dominação e os processos pelos quais a ordem social estabelecida mascara as arbitrariedades e se perpetua pela aceitação de suas hierarquias sociais. Sua estrutura teórica tem sido utilizada na literatura para explorar a natureza multidimensional do poder e da liderança inclusive em ambientes de ensino superior (Beattie, 2018). Ao publicar *A dominação masculina*, em 1998, Bourdieu (2012) trabalhou os mecanismos de violência simbólica que estão na origem da hegemonia masculina e as implicações analíticas e políticas dessa dominação baseada em uma teoria materialista da economia de bens simbólicos (Bourdieu, 2012).

Analogamente Arêas, Santana e Barbosa (2020) propuseram o conceito de discriminação da inteligência para descrever o mecanismo de exclusão que as mulheres sofrem para ascender às posições de liderança no campo científico brasileiro, no qual as atividades de mulheres continuam submetidas aos interesses dos grupos dominantes, que são, em sua maioria, formados e liderados por homens.

Beauvoir identifica o esquema da criação do mito da mulher como um ser inferior e menor, o *Outro*, e Bourdieu, os mecanismos de capital social que permitem a esta teoria se consolidar e ser estável ao longo dos anos. Apesar de mirar nas mulheres, esta estratégia de dominação acaba afetando homens negros, transsexuais e outras categorias da sociedade que se distanciam da visão do homem central. Como poderia este engendrado esquema de poder ser desconstruído? Quem traz a resposta a estas questões é Judith Butler (2019).

Butler (2019) traz a compreensão da performatividade não como um ato em que um sujeito traz à existência o que o nomeia – como homem ou mulher –, mas como este poder reiterativo do discurso de produzir os fenômenos que regula e impõe. Ela argumenta que nascer homem ou mulher não determina o comportamento, mas, ao invés disso, as pessoas aprendem a se comportar de maneiras específicas justamente para se encaixarem nos padrões e normas estabelecidos pela sociedade. Butler considera essas categorias de identificação como normativas na medida em que elas são previamente definidas e que os sujeitos que não se enquadram nas definições não podem ser representados pela identidade definida (Brosin; Tokarski, 2017; Butler; Miguens; Rodrigues, 2021).

Neste sentido, somente a partir da visão de que estes diversos *Outros* estão sob o mesmo processo de dominação que pode ser criada a equidade. O curso "Feminismos: algumas verdades inconvenientes" ilustra este ponto com uma amostra destes



Outros, com o fim de permitir que eles se percebam e construam pontes. Neste artigo, avaliamos o quanto as pessoas que assistem ao curso se integram nesta percepção, através de uma avaliação quantitativa da participação nas aulas.

METODOLOGIA

O curso "Feminismos: algumas verdades inconvenientes" surgiu da prospecção de novos projetos realizada pelo Napead. Um projeto embrionário do tema já havia sido produzido no Napead: os vídeos de um esquete teatral do projeto "Meninas na Ciência", chamado "A Ciência como ela é". A partir desse contato com as duas protagonistas do teatro, o Napead pensou em expandir a temática para abordar outros aspectos desse grande tópico chamado Feminismos. Toda a equipe de coordenação do curso é composta por servidores da UFRGS: duas professoras do curso de Física, uma pedagoga e um programador visual do Napead.

Neste trabalho analisamos os perfis das pessoas que assistiram ao curso "Feminismos: algumas verdades inconvenientes", usando relatórios de navegação da plataforma de cursos online institucional da UFRGS, Lúmina, e do YouTube Studio, pois os relatórios da Lúmina não contêm informações sobre as ações de interação com os vídeos (tais como: duração da visualização, likes/dislikes e pontos de entrada e saída). Junto a cada módulo do curso, foi disponibilizado um episódio de podcast com uma conversa com a(s) professora(s) do respectivo módulo. Os podcasts estão disponíveis em diversas plataformas, e sua audiência foi analisada por meio dos relatórios do Anchor. No caso dos relatórios de navegação da Lúmina, as identidades dos estudantes foram anonimizadas antes da tabulação dos dados, usando um algoritmo de embaralhamento que permite a união de tabelas do banco de dados enquanto protege a identidade das pessoas. É importante ressaltar que a coleta de dados de navegação foi consentida pelos estudantes quando se cadastram na plataforma. Os relatórios do YouTube e do Anchor são agregados, não apresentando dados de usuários específicos. Todas as análises foram feitas usando a linguagem R.

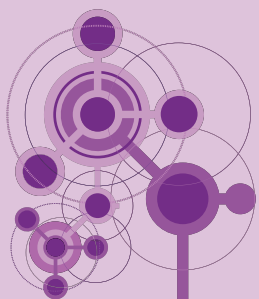
Os dados analisados da plataforma Lúmina e do YouTube compreendem o período de março de 2020, quando o curso foi lançado, a agosto de 2022, quando foram coletados para análise. Nosso estudo se restringe a aspectos quantitativos, uma vez que associar a questões qualitativas necessitaria uma descrição da comunidade científica, o que vai além do objetivo deste trabalho.

O curso "Feminismos: algumas verdades inconvenientes" foi dividido em 40 videoaulas distribuídas ao longo de 11 módulos. O Quadro 1 apresenta o número do módulo, os nomes das professoras, o título, a quantidade de videoaulas e uma listagem dos principais temas abordados em cada um deles.

Quadro 1: Descrição dos módulos do curso

Módulo	Professora(s)	Título	# de videoaulas	Temas abordados
1	Russel Teresinha Dutra da Rosa (Faculdade de Educação – Faced-UFRGS)	Educação em Direitos Humanos	5	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Marcos históricos dos direitos humanos, movimentos sociais, educação em direitos fundamentais e censura ao conhecimento. ◆ Da garantia aos direitos individuais aos direitos sociais básicos, que incluem o direito a um futuro da raça humana por meio da ecologia. ◆ Os direitos da mulher na perspectiva dos Direitos Humanos.

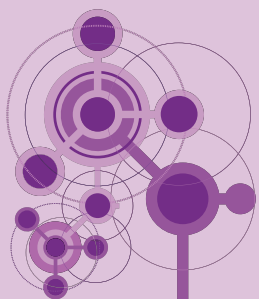
Continuará...



Quadro 1: Continuação

Módulo	Professora(s)	Título	# de videoaulas	Temas abordados
2	Joanna Burigo (jornalista, fundadora da Casa da Mãe Joanna e mestre em Gênero, Mídia e Cultura pela London School of Economics and Political Science – LSE)	Históricos e histórias dos feminismos	4	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Marcos históricos do feminismo e duas visões sobre o feminismo: uma com uma mulher branca e da elite inglesa, Mary Wollstonecraft, e outra com uma mulher negra escravizada no Brasil, Esperança Garcia. ◆ A primeira onda do feminismo, centrada no sufrágio, sendo excludente em relação às mulheres negras. Destaque para dois nomes no Brasil: Bertha Lutz e Antonieta de Barros. ◆ A segunda onda do feminismo, que abrange direitos sociais como divórcio, igualdade salarial, aborto, entre outros; o crescimento da interseccionalidade entre gênero e raça; o movimento da segunda onda no Brasil, que se confunde com o movimento contra a ditadura militar. Destaque para Hildete Pereira de Melo e Sueli Carneiro. ◆ A terceira onda do feminismo, que amplia a discussão para além de homem e mulher, trazendo o conceito de gênero que inclui uma visão não binária.
3	Camila Giugliani, Daniela Knauth (Faculda de Medicina – Famed-UFRGS) e integrantes do Projeto Cravinas da Universidade de Brasília (UnB)	Direitos sexuais e reprodutivos das mulheres	10	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Aspectos históricos de decisões privadas, natalidade, sexualidade, mas que sofrem uma intervenção do estado através do controle de natalidade e de políticas de saúde pública. ◆ Aborto como uma questão de saúde pública. ◆ Violações de direitos sexuais como homofobia, violência sexual contra as mulheres, negação do prazer sexual das mulheres e violência obstétrica. ◆ Importância do acesso ao conhecimento sobre métodos contraceptivos e seus efeitos, incluindo o aborto e suas opções legalizadas.
4	Katemari Rosa (Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia – IF-UFBA)	Feminismos negros	3	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Como os feminismos negros incorporam o tema da raça. ◆ Evolução histórica dos direitos das mulheres, particularmente das mulheres negras no contexto do mundo do trabalho. ◆ A evolução mais recente dos movimentos feministas, com a discussão sobre cotas nas universidades e concursos.

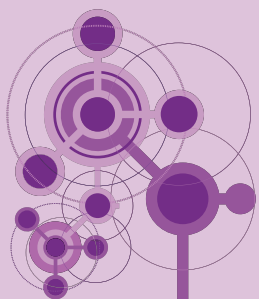
Continuará...



Quadro 1: Continuação

Módulo	Professora(s)	Título	# de videoaulas	Temas abordados
5	Atena Beauvoir Roveda (escritora e filósofa), Sofia Favero (doutoranda em psicologia pela UFRGS) e Fran Demétrio (docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, falecida em 2021)	Feminismos trans	5	<ul style="list-style-type: none"> ◆ O que é ser trans: problematizando definições e conceitos em torno deste tema. ◆ Marginalidade das mulheres trans. ◆ Definição de transfeminismo e como ele emerge dentro dos movimentos feministas mais históricos, visto como uma quarta onda do feminismo. ◆ Como, a partir da medicina, se formata o gênero das pessoas e se cria uma caricatura para as pessoas que não seguem a norma imposta.
6	Daniela Dell'Aglio (Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul – Fadergs)	Diversidade de gênero e orientação sexual	1	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Discussões em torno dos conceitos gerais de sexo biológico, gênero e orientação sexual.
7	Marcia Barbosa e Carolina Brito (Instituto de Física – IF-UFRGS)	Mulheres na Ciência	3	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Dados estatísticos sobre a presença de mulheres nas áreas científicas no Brasil e no mundo. ◆ Importância da diversidade na Ciência. ◆ Mecanismos socialmente construídos que afastam as mulheres da Ciência e de posições de poder. ◆ Ações para desconstruir os obstáculos e ampliar a participação das mulheres nas Ciências.
8	Margareth Goldenberg (Movimento Mulher 360)	Mulheres no mundo dos negócios	3	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Dados estatísticos sobre a presença das mulheres nas empresas. ◆ Importância da diversidade no mundo dos negócios. ◆ Diferenças salariais e mitos sobre mulheres nos negócios. ◆ Empresas em busca de maior equidade de gênero em cargos de liderança.
9	Débora do Carmo Vicente (Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul – TRE-RS)	Mulheres na política	2	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Dados estatísticos sobre a baixíssima participação das mulheres na política, comparando a situação do Brasil com outros países. ◆ Razões para a baixa representatividade feminina. ◆ Ações para mudar este cenário.

Continuará...



Quadro 1: Continuação

Módulo	Professora(s)	Título	# de videoaulas	Temas abordados
10	Daniela Kern (Instituto de Artes – IA-UFRGS)	Feminismo e História da Arte	3	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Dados sobre a presença das mulheres no mundo das artes e sua sub-representação em acervos de museus e cargos de prestígio. ◆ Resgate de nomes e obras de artistas mulheres desde o Renascimento. ◆ Discussão sobre a ausência de tradução de obras relevantes sobre História da Arte feita por mulheres no Brasil.
11	Fernanda Staniscuaski (Instituto de Biociência – IB-UFRGS)	Carreira e família	1	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Os impactos da família e, em particular, dos filhos na carreira das mulheres. ◆ A criação do movimento Parent in Science e a condução de estudos que identificam os mecanismos que explicam estes impactos. ◆ Demanda por políticas públicas que viabilizem conciliar carreira e o cuidado dos filhos.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

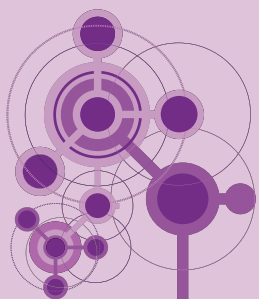
RESULTADOS

Nesta seção apresentamos o perfil das pessoas inscritas no curso e ouvintes do podcast, avaliamos os módulos mais populares e comparamos a aceitação deste curso a dos demais que estão disponíveis na Plataforma Lúmina.

Perfil dos inscritos na plataforma Lúmina e audiência do podcast

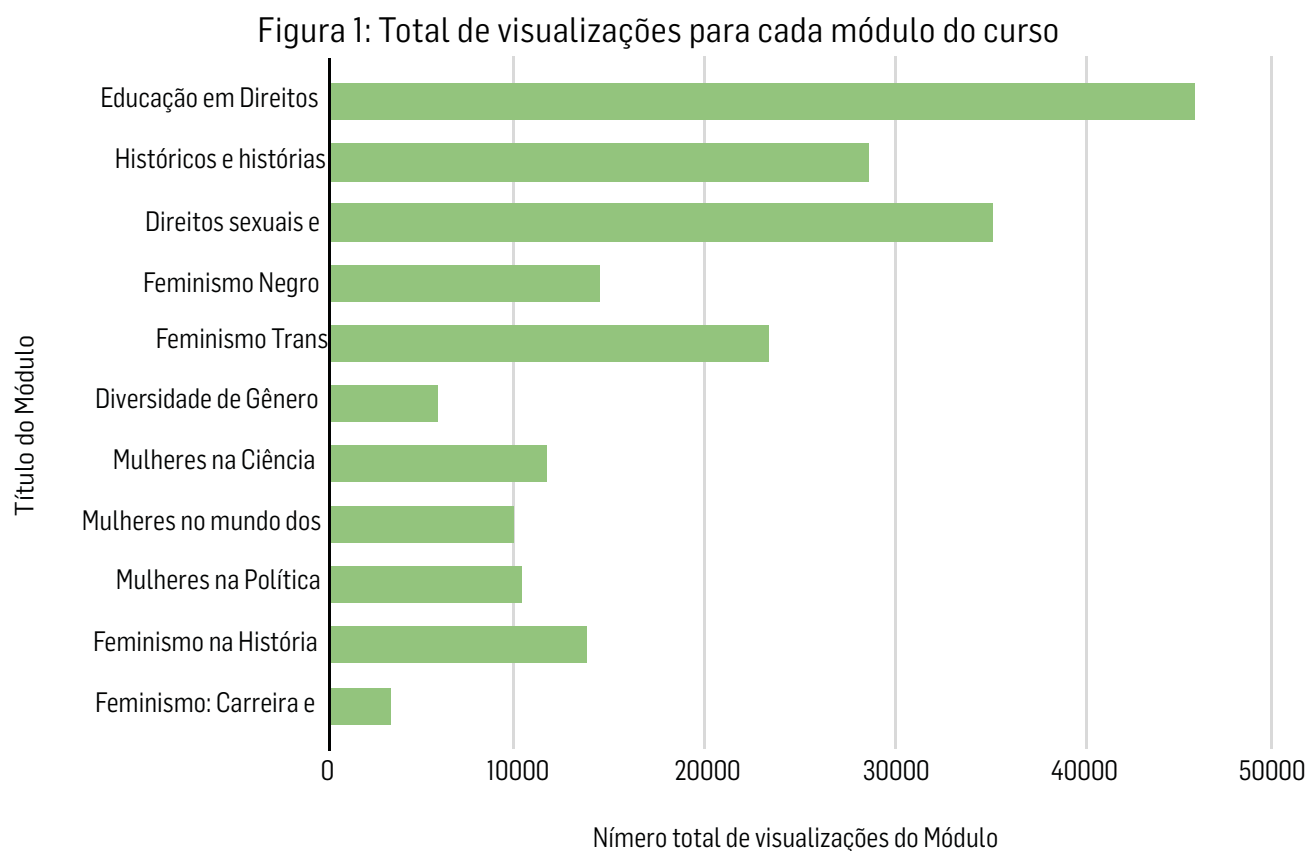
De março de 2020 até agosto de 2022, o curso tinha cerca de 12.500 estudantes inscritos, dos quais quase 4.700 haviam obtido o certificado. O questionário indica que 87% dos inscritos é do sexo feminino, 12% masculino e menos de 1% identificara-se como “Outro”. Em relação à escolaridade, pouco mais de 18% estão no nível fundamental ou médio, enquanto cerca de 58% estão no ensino superior e quase 24% na pós-graduação. Em relação à obtenção de certificados, cerca de 61% dos homens o obtiveram, enquanto cerca de 35% das mulheres fizeram o mesmo.

O número total de downloads do podcast é contabilizado pela plataforma Anchor e indica que, até agosto de 2022, todos os episódios do podcast foram baixados 47.917 vezes. O perfil da audiência do podcast é menos conhecido do que o do curso. A razão para isso é que o podcast está disponível também em outras plataformas além da Lúmina, que não exigem o preenchimento do perfil de ouvinte. Na plataforma Anchor, onde o número de downloads é contabilizado, podemos obter apenas o perfil dos ouvintes que escutam o podcast pelo Spotify. No curso online, o público é mais jovem que no podcast: 67% das pessoas inscritas na Lúmina têm menos de 30 anos, sendo que 51% têm menos de 24 anos. No caso do podcast, 73% dos ouvintes têm entre 23 e 44 anos, sendo que 54% têm entre 28 e 44 anos.



Estatísticas de acesso às videoaulas e ao podcast do curso

A Figura 1 apresenta o total de visualizações de cada módulo do curso. No eixo vertical são exibidos os títulos de cada módulo na ordem do curso. Lembramos que cada módulo pode ter mais que uma videoaula, conforme está explicitado no Quadro 1. Nesta figura estão somadas as visualizações de todas as videoaulas de cada módulo. Observa-se que os primeiros módulos do curso tendem a ser mais visualizados, mas a ordem de maior visualização se inverte em alguns casos.



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Porque o número de videoaulas difere entre os módulos, na Figura 2 apresentamos a média de visualizações de cada uma. Ou seja, é o número de visualizações total por módulo dividido pelo número de videoaulas. Comparamos esta média de visualizações por videoaula com o número de vezes que cada episódio do podcast foi acessado, referido como “Audições” na figura. De maneira geral, observa-se que a audiência das videoaulas é maior que a do podcast e que os módulos mais assistidos são também os mais ouvidos. Há, no entanto, duas exceções: “Direitos sexuais e reprodutivos das mulheres” e “Carreira e família” são mais procurados no podcast que nas videoaulas.

Uma hipótese para explicar esta diferença no caso do tema “Carreira e família” é o perfil etário do público do podcast com relação ao das videoaulas. No caso do podcast, a audiência é maior na faixa das pessoas acima de 30 anos, enquanto no da videoaula mais de 50% do público tem menos de 25 anos. A preocupação com a formação de uma família e sua interferência na carreira possivelmente ocorre um pouco depois dos 25 anos. No caso da temática “Direitos sexuais e reprodutivos”, a explicação é que este módulo é o que tem maior número de videoaulas (são 10). A primeira tem mais de 9mil visualizações, o que é quase três vezes maior do que a média de 3.500 que vemos na Figura 1. Assim, possivelmente a média baixa tem mais relação com o elevado número de videoaulas do que com o interesse geral do público pelo tema.

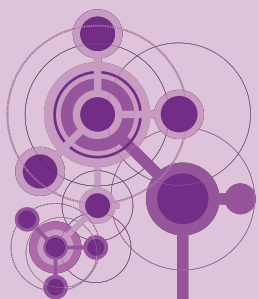
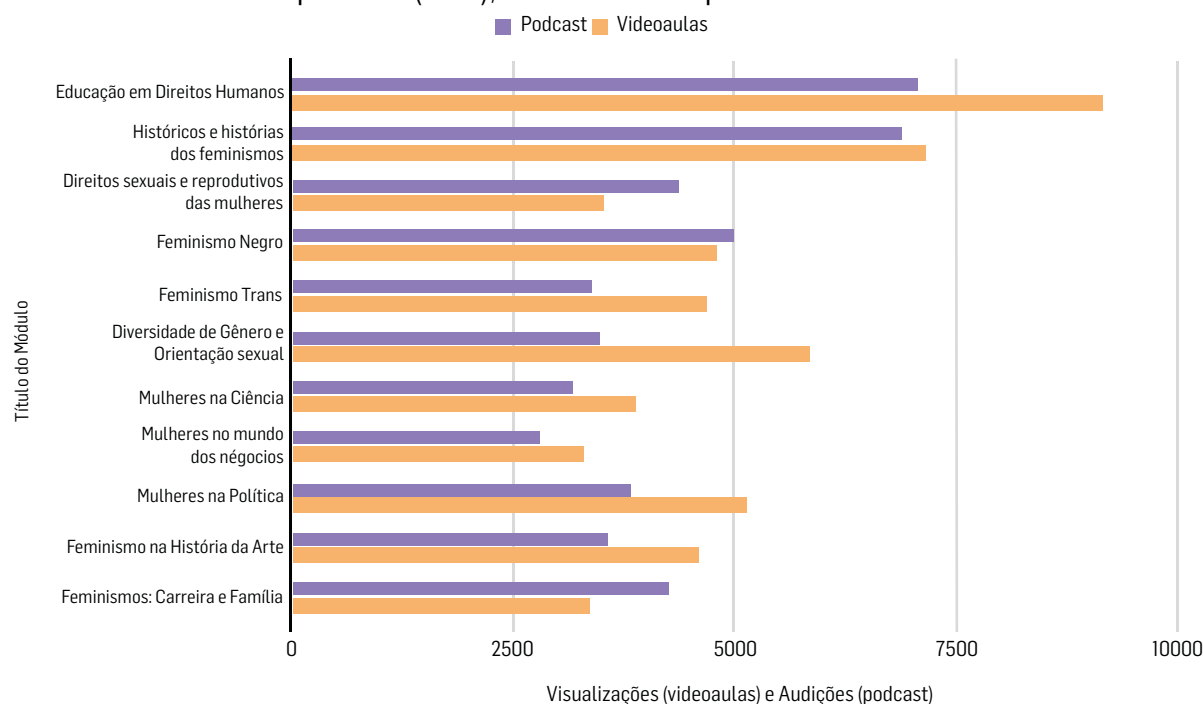


Figura 2: Média de visualizações por videoaulas (laranja) comparado ao número de acessos ao podcast (lilás), discriminados para cada módulo do curso



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Comparação com os demais cursos disponíveis na plataforma Lúmina

Para melhor entender como foi a aceitação do curso “Feminismos: algumas verdades inconvenientes”, nesta seção comparamos algumas medidas dele com as dos demais cursos disponíveis na Plataforma Lúmina.

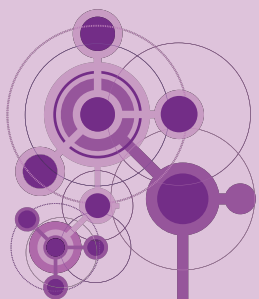
Primeiramente, medimos o engajamento dos estudantes nos cursos de maneira geral. Para isto, focamos nas variáveis “dias ativos” e “persistência”, que foram extraídas a partir dos relatórios de navegação. “Dias ativos” considera a contagem de dias únicos em que houve atividade no curso, desconsiderando a quantidade de horas em que o estudante permaneceu logado e quais atividades foram realizadas. “Persistência” é uma métrica de engajamento com os materiais do curso e indica a porcentagem de materiais acessados. Tanto no curso de “Feminismos” como nos demais cursos oferecidos na Lúmina, o perfil de acesso dos usuários é muito parecido: observa-se que a maior parte das pessoas realiza em torno de 25% das atividades do curso e que acessa o curso em apenas um ou dois dias.

As videoaulas de todos os cursos ficam disponíveis no YouTube. Os vídeos do YouTube podem ser acessados de fora da plataforma Lúmina, podendo ser encontrados numa busca, compartilhados ou recomendados pelo site. Contudo, a maior parte dos acessos tem origem externa, que provavelmente oriundos do Lúmina (não há como ter certeza, pois o YouTube não indica a origem do tráfego).

Para medir o grau de interesse dos estudantes pelo curso de feminismos, comparamos alguns de seus índices quantitativos com os vídeos mais populares no Canal Lúmina. Usaremos as variáveis “visualizações” e “porcentagem da visualização”, obtidas no Creator Studio do canal do Lúmina, que hospeda os vídeos de todos os cursos da plataforma.

No total, o canal do Lúmina tem 500 vídeos e aqui focaremos aqueles que têm pelo menos 150 likes e 7 mil visualizações¹, o que resultou em apenas 48 vídeos, que correspondem a 10% do total que a plataforma oferece. É importante notar que a plataforma Lúmina existe desde 2016 e que, desde então, os cursos são disponibilizados no canal, de forma que os cursos

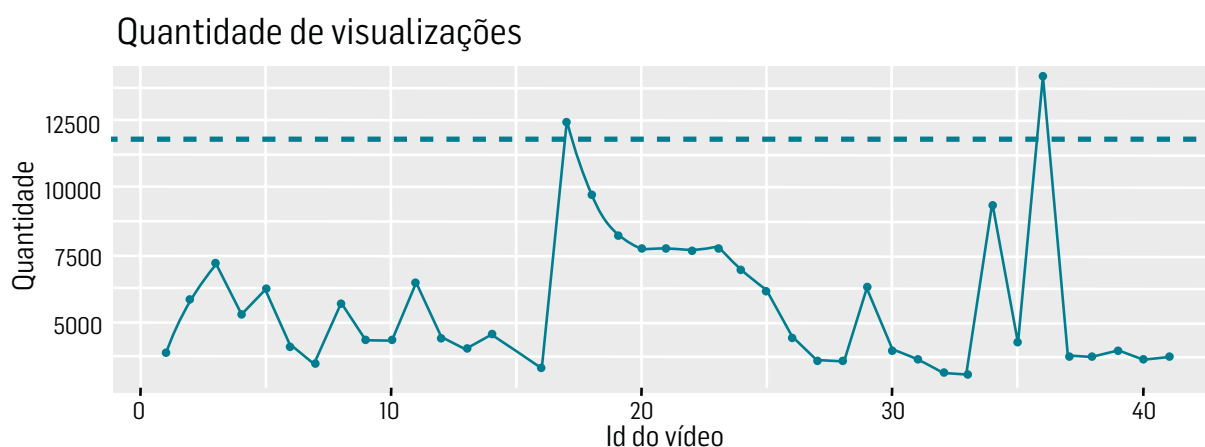
¹ Estes valores foram definidos a partir da inspeção da distribuição de likes e visualizações dos vídeos do canal, de forma a gerar um conjunto dos vídeos mais populares.



têm diferentes tempos de existência. É natural pensar que os cursos mais antigos tendem a ter mais visualizações e likes/dislikes. Para comparar todos os cursos independentemente do seu tempo após o lançamento, a hipótese é que a maior parte das pessoas se inscreve e segue o curso nos primeiros seis meses após o seu lançamento.

O percentual de visualizações – que é uma métrica de engajamento, cuja figura não está apresentada – de cada videoaula do curso de feminismos variou em torno de 40% e 60%, sendo que a média dos vídeos mais populares do canal é de 51%. Isso sugere um bom engajamento dos alunos com as videoaulas do curso de feminismos.

Figura 3: Número de visualizações de cada vídeo do curso comparado à média dos vídeos mais populares do canal (linha pontilhada)



Em função da legibilidade, no eixo horizontal os títulos dos vídeos foram substituídos por um índice (Id do vídeo).

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A Figura 3 mostra a quantidade de visualizações – uma métrica que mede o alcance – de cada um dos 41 vídeos do curso (são 40 videoaulas mais o vídeo de apresentação do curso), e a linha horizontal mostra a média de visualizações dos vídeos mais populares do canal, que é de cerca de 11.700. Pode-se ver que dois vídeos do curso superam esta linha: “Por que um curso sobre Feminismos?” e “Feminismos: Direitos Humanos – parte 1”. O primeiro é um vídeo de apresentação do curso e o segundo é a primeira videoaula do módulo 1. Em seguida, os vídeos “Feminismos: Direitos Humanos – parte 2” e “O que são direitos sexuais e reprodutivos?” contabilizam cerca de 9.700 e 9.300 visualizações, indicando grande interesse nestas temáticas. Os vídeos com menos visualizações – cerca de 3.100 – são “Mulheres no mundo dos negócios – parte 3” e “Mulheres no mundo dos negócios – parte 2”. Há duas hipóteses para explicar o baixo interesse no tema: a primeira é que o curso está hospedado em uma instituição acadêmica, onde a temática negócios não é o foco. A segunda é que, mesmo que o curso alcance pessoas interessadas no mundo corporativo, nesta comunidade a equidade entre os gêneros não é um tema popular.

Por fim, comparamos o número de pessoas inscritas no curso de feminismos com a média de inscrições nos demais cursos do Lúmina. Na Tabela 1, mostramos o número de cursos que existem disponíveis no Lúmina por categoria, bem como número de inscritos no total de cursos da categoria e a média de inscritos por curso. O curso de feminismos está classificado na temática “Ciências Humanas e Sociais”, na qual o número médio de inscritos por cursos é 7.200 e é a maior média das cinco categorias. O curso de feminismos tinha, até agosto de 2022, mais de 12mil pessoas inscritas. Isso sugere que a temática é de interesse acima da média para os usuários da plataforma.

Tabela 1: Dados numéricos dos cursos

Categoria do curso	Número de cursos	Número total de inscritos	Média de inscritos por curso
Linguística, Letras e Artes	17	90.667	5.333
Ciências Exatas e da Terra	12	53.286	4.440

Continuará...

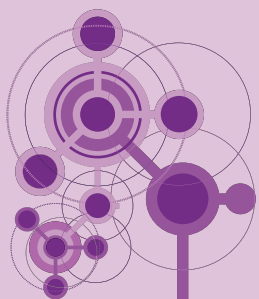


Tabela 1: Continuação

Categoria do curso	Número de cursos	Número total de inscritos	Média de inscritos por curso
Ciências da Saúde e Biológicas	32	144.607	4.518
Tecnológicas	28	8.024	3.143
Ciências Humanas e Sociais	14	101.129	7.233

Fonte: Elaborada pelas autoras.

DISCUSSÕES, CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Neste trabalho, apresentamos uma análise do curso "Feminismos: algumas verdades inconvenientes" em seus dois formatos: videoaulas e podcast. O curso aborda as diversas formas de misoginia em uma tentativa de mostrar que a luta das mulheres em suas distinções de raça, gênero, campo de atuação, maternidade, entre outros, tem um objetivo comum de construir um mundo com equidade. Somos todos o *Outro* de Beauvoir e precisamos reconhecer isso, como provoca Butler (2019).

A quantidade de visualizações das videoaulas e de audições dos episódios do podcast mostra que atingimos parcialmente o objetivo agregador do curso. As videoaulas com o maior número de visualizações são as que tratam de questões transversais: direitos humanos e história dos feminismos. Seguem-se as que atingem os temas mais sensíveis, ou seja, raça, direitos reprodutivos e carreira e família. O público do podcast teve mais interesse no tema de carreira e família do que o das videoaulas. Interpretamos que isso se deve à faixa etária mais elevada dos ouvintes do podcast.

Finalmente, observamos que, comparado aos vídeos mais populares da plataforma, este curso teve um número bom de visualizações, bem como o apresentou um número maior de pessoas inscritas do que os demais cursos disponíveis na Lúmina.

Como perspectivas, faz-se necessária uma análise qualitativa das pessoas que assistiram ao curso através de um estudo dos comentários apresentados nos vídeos.

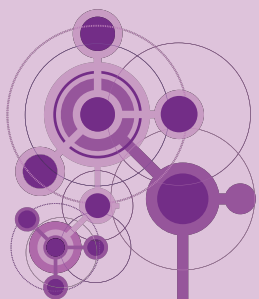
REFERÊNCIAS

ANTRA. *Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017*. Brasília, DF: Antra, 2018. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2022.

ARÊAS, Roberta; SANTANA, Ademir E.; BARBOSA, Marcia C. A discriminação da inteligência no campo científico brasileiro. *Educação, Cultura e Sociedade*, Cáceres, v.10, n.3, p.2-18, 2020.

ARÊAS, Roberta *et al.* *Gender and the scissors graph of Brazilian science: from equality to invisibility*. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <https://osf.io/m6eb4/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

BEATTIE, Liana. Educational leadership: a nirvana or a battlefield? A glance into the higher education in the UK using Bourdieu. *International Journal of Leadership in Education*, Abingdon, v.21, n.5, p.608-620, 2018. doi:<https://doi.org/10.1080/13603124.2017.1330490>.



BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BROSIN, Danuska; TOKARSKI, Maine Laís. Do gênero à norma: contribuições de Judith Butler para a filosofia política feminista. *Gênero*, Niterói, v.18, n.º1, p.98-118, 2017. doi:<https://doi.org/10.22409/rg.v18i1.1036>.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith; MIGUENS, Fernanda; RODRIGUES, Carla. Gênero em tradução: além do monolinguismo, de Judith Butler. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, São Paulo, v.39, n.2, p.364-387, 2021.

DEZSÓ Cristian L.; ROSS, David G. Does female representation in top management improve firm performance? A panel data investigation. *Strategic Management Journal*, Chicago, v.33, n.9, p.1072-1089, 2012.

ELSEVIER. *Gender report 2020: the researcher journey through a gender lens*. Amsterdam: Elsevier, 2020. Disponível em: https://www.elsevier.com/__data/assets/pdf_file/0011/1083971/Elsevier-gender-report-2020.pdf. Acesso em: 21 dez. 2022.

EUROPEAN COMMISSION. *Science policies in the European Union: promoting excellence through mainstreaming gender equality: a report from the ETAN expert working group on women and science*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2000. Disponível em: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/4d456ad0-abb8-41a2-9d21-dbd5381f1f4c/language-en>. Acesso em: 21 dez. 2022.

FERRARI, Nathália C. *et al.* Geographic and gender diversity in the Brazilian Academy of Sciences. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, Rio de Janeiro, v.90, n.2, supl.1, p.2243, 2018. doi:<https://doi.org/10.1590/0001-3765201820170107>.

GIUGLIANI, Camila *et al.* *Violência sexual e direito ao aborto legal no Brasil: fatos e reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

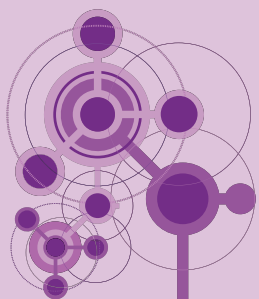
GUTERL, Fred. Diversity in science: why it is essential for excellence. *Scientific American*, New York, v.311, p.38-41, 2014. doi:<https://doi.org/10.1038/scientificamerican1014-38>.

HUNT, Vivian Dame; LAYTON, Dennis; PRINCE, Sara. *Diversity matters*: McKinsey and Company Report. [S.l.]: McKinsey and Company, 2015. Disponível em: www.mckinsey.com/business-functions/organization/our-insights/why-diversity-matters. Acesso em: 21 dez. 2022.

IBGE. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2022.

INDICADORES sociais das mulheres no Brasil. *IBGE-Educa*, Rio de Janeiro, [2018]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/materias-especiais/20453-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em: 21 dez. 2022.

IPEA; FBSP. *Atlas da violência 2019*. Brasília, DF: Ipea; São Paulo: FBSP, 2019. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf. Acesso em: 21 dez. 2022.



TAVARES, Paula. Pouco progresso para as mulheres na política no Brasil. *The World Bank Brasil*, Washington, DC, 5 maio 2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/opinion/2022/05/05/pouco-progresso-para-as-mulheres-na-politica-no-brasil>. Acesso em: 21 dez. 2022.

TRUTH, Sojourner. *E eu não sou uma mulher? A narrativa de Sojourner Truth*. Rio de Janeiro: Ímã Editorial, 2020.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2021.

Artigo recebido em 21/08/2022 e aprovado em 08/12/2022.